

As ações do Comando de Caça aos Comunistas (1968-1969)

Clarissa Brasil / UFRGS -CAPES¹

Resumo: A proposta deste trabalho é apresentar e problematizar as ações do “Comando de Caça aos Comunistas”, CCC, ocorridas em São Paulo e Porto Alegre em 1968 e no Recife em 1969. Este grupo de extrema-direita atuou em várias cidades do Brasil, planejando e executando ações de ataque a alvos como teatro, universidades, imprensa, setores da Igreja Católica, bancas de jornal e revista. No entanto, ações realizadas especialmente naquelas três capitais brasileiras foram significativas e de maior repercussão na imprensa, sendo destacada a semelhança entre as ocorridas em Porto Alegre e São Paulo e a diferença destas em relação às ações em Recife. Esta organização merece pesquisas aprofundadas sobre sua formação, atuação e conseqüências dentro da sociedade brasileira, e de sua importância no entendimento do contexto histórico de 1968.

Palavras-chave: Comando de Caça aos Comunistas (CCC); Ditadura Militar; 1968.

Porto Alegre, 02 de outubro de 1968, quarta-feira. Após modificações no texto original e apresentação prévia para censura estadual, estreava no Teatro Leopoldina² a peça teatral “Roda Viva”, com texto de Chico Buarque e direção de José Celso Martinez Corrêa. O texto original contava a história da construção de um artista do morro (Benedito Silva) em um ídolo musical nacional (Ben Silver) e depois sua destruição, quando deixa de ser uma novidade. A peça estreou em janeiro daquele ano, no Rio de Janeiro, com grande sucesso de público. Em julho, iniciou a segunda temporada em São Paulo, com outros atores e mudanças no texto. Com o objetivo de provocar o espectador, incluía cenas eróticas entre a Virgem Maria e seu Filho, a utilização de um capacete militar como penico, a pergunta lançada ao público: “Você já matou o seu comunista hoje?” e terminava com a morte do herói, cujo fígado (de boi) era estraçalhado em cena, respingando sangue na platéia.³

Roda Viva foi pilar de dois acontecimentos muito semelhantes que marcaram a história da violência ao teatro brasileiro no período repressivo dos anos 60 e 70: o ataque aos atores da peça no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, e o espancamento do elenco nas ruas

¹ Mestranda em História.

² Atual Teatro da OSPA em Porto Alegre.

³ Sobre a peça, ver principalmente: Documentário *Chico Buarque: Bastidores*. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda., 2005. STEPHANOU, Alexandre A. *Censura no Regime Militar e Militarização das Armas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. pp. 129-130. VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. pp. 88-93. José Celso Martinez Corrêa, em entrevista à Revista da Civilização Brasileira, Caderno Especial n. 2, 1968, p. 126, afirmava que “*O sentido da eficácia do teatro hoje é o sentido da guerrilha teatral. (...) sua eficácia somente pode ser sentida como provocação cruel e total (...)*”. Apud. STEPHANOU, op. cit., 130.

2

de Porto Alegre. Em ambos os casos, as ações foram atribuídas a uma organização até então conhecida apenas dentro do ambiente universitário de São Paulo: o Comando de Caça aos Comunistas, CCC.

Em São Paulo o episódio se deu em 18 de julho. Logo após o término do espetáculo, cerca de 90 homens que estavam na platéia se dividiram e começaram a quebrar o equipamento do auditório, subiram ao palco, destruíram o cenário e adentraram os camarins, agredindo os atores e contabilizando dezenove feridos.

Quando abri a porta, vi uns rapazes correndo em direção ao meu camarim. Nisso, Margot apareceu e tratamos de trancar a porta. Do lado de fora começaram a bater e a gritar para que abrissemos. Quando ela foi arrombada, pularam como loucos em cima da gente. Tiraram todas as nossas roupas e, enquanto apertavam nosso corpo, gritavam: - Isso é que é revolução, isso é que é revolução...Depois, nua como estava, foram me batendo com cassetetes em direção à rua...⁴

A rapidez da ação foi ponto comum entre os relatos desse episódio. Em 17 de julho de 1993, um dia antes de o evento completar 25 anos, a *Folha de S. Paulo* publicou uma entrevista com o homem que teria planejado e comandado o ataque ao teatro. João Marcos Flaquer, advogado, 50 anos à época da entrevista, afirmava – entre outros pormenores – que o grupo estudara o teatro durante cinco semanas, ao mesmo tempo em que se revezavam para comprar os 90 ingressos sem levantar suspeitas. O grupo contara no dia com uma equipe de apoio para a fuga de outros 20 homens, na atividade que havia durado exatos três minutos⁵. A escolha do alvo, o planejamento e a organização da ação, e a rapidez na sua execução foram, talvez, os ingredientes para o *comandante* poder afirmar, 25 anos depois, que “*foi a maior ação do CCC*”⁶.

O episódio em Porto Alegre começou na estréia da peça, em 02 de outubro de 1968, com distribuição de panfletos aos espectadores, que diziam: “*Gaúcho! Ergue-te contra aqueles que, vindos de fora, nada mais desejam senão violentar a tua família e as tuas tradições cristãs, destruindo-as. Hoje preservaremos as instalações do teatro e a integridade física da platéia e dos atores. Amanhã não.*”. Na sexta-feira o Teatro Leopoldina amanheceu

⁴ Fala de Marília Pêra, atriz da peça, publicada em *Terror cultural em São Paulo: o CCC ataca à meia-noite*. Revista *O Cruzeiro*, 03/08/68, p. 26. A maioria afirma ter apanhado sem roupas, pois se dava o exato momento da troca nos camarins.

⁵ *Comando de Caça aos Comunistas diz como atacou 'Roda Viva' em 68*. Jornal *Folha de S. Paulo*, 17/07/93, Quarto Caderno, p. 1

⁶ Idem.

3

pichado, com frases: “*Fora comunas*”, “*Chega de Subversão*”, “*Arte sim, pornografia não*”.

A censura federal conseguiu a proibição da peça sob alegação de mudanças no texto.

O jornal *Correio do Povo* apresentou sua versão sobre a peça:

Era intenção dos seus responsáveis fazer sucesso pelo impacto. Mas o que conseguiram fazer foi chocar a platéia porto-alegrense, pela absoluta falta de conteúdo artístico do espetáculo e pelo teor altamente pornográfico que apresentava. Trata-se de algo deprimente, que não recomenda como válida e nem permite, de longe, que se pretenda incluir a peça como acontecimento do teatro brasileiro.⁷

Com apenas uma apresentação, o elenco partiria para São Paulo na manhã do dia seguinte, sábado. Por volta das 22 horas os atores seguiam a pé para o hotel⁸, quando na esquina das ruas Voluntários da Pátria com a Dr. Flores foram cercados por cinco automóveis, de onde desceram cerca de trinta homens, armados de cassetetes de madeira, que começaram a bater nos atores. Eles correram, mas seguiram apanhando. A maioria teve escoriações pelas costas e pernas, mas um deles precisou ir ao hospital costurar o rosto, outro quebrou um dente. A calçada e o hall do hotel recém inaugurado ficaram com manchas de sangue em vários lugares. Enquanto que na Av. Farrapos havia “*mais de 50 brigadianos, alguns armados de fuzis, para policiar o trânsito*”, na frente do hotel havia uma dupla deles para cuidar dos atores. Quando a imprensa chegou ao hotel, a equipe de funcionários já havia mudado e limpado o hall.

Foi coisa para matar a gente. A sorte foi que deu para correr. (...) Só pode ter sido o pessoal do Comando de Caça aos Contribuintes [sic] eles já bateram na gente no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo. Eu levei um televisor pelas costas.⁹

Ainda neste episódio, dois artistas foram convidados para ir à delegacia prestar esclarecimentos: a atriz Elisabeth Gasper e o músico Zelão. O casal, no entanto, foi seqüestrado por um grupo de homens que se diziam policiais, mas não os levaram à delegacia.

- Não podíamos resistir – contou Zelão. Por isso subimos num dos carros. Começaram a rodar com os faróis apagados e primeiro foram a um lugar longe que não reconhecemos. Em determinado momento, eles começaram a

⁷ “*Roda Viva*” proibida pela censura federal. *Correio do Povo*, 05/10/68, contracapa. Cf reportagem, “*Considerando que os artistas que encenaram ‘Roda Viva’ infringiram o item II do artigo 94 e ‘caput’ do artigo 97, do Decreto número 20.493, de 24/1/1946, resolve suspender a encenação de ‘Roda Viva’ em Porto Alegre até ulterior deliberação*”.

⁸ Hotel Rishon, ainda hoje na Rua Dr. Flores, 27, centro de Porto Alegre.

⁹ Fala de Paulo Antônio, ator da peça. Este trecho, bem como algumas informações detalhadas do episódio ocorrido em Porto Alegre, provém do artigo: “*Elenco de Roda Viva apanha de cassetete*”, cuja leitura foi feita pelo então deputado estadual Pedro Simon, em sessão plenária 127 de 07/10/68, publicado nos Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, novembro/68, pp. 45 e 46.

fazer guerra de nervos: paravam, desciam, entravam e saíam de novo. Um deles tirou um soco inglês do porta-luvas e recolocou-o no lugar. Fomos por uma estrada de terra com uma porção de desvios, até um lugar completamente desabitado. Então um deles disse: Aqui está muito perto, alguém pode ouvir. Fomos mais adiante, onde nos convidaram a descer: Agora, vamos fazer a peça Roda Viva aqui, disse um deles. Elisabeth então falou que só ela era atriz, que eu era seu marido. Puseram-nos num curral cercado de arame farpado e mandaram-na cantar a música da peça. Elisabeth não teve outro jeito e acabou cantando “Luar” e eles aplaudiram. O que me parecia chefe veio me dando lições de moral e perguntando como eu deixava minha mulher trabalhar nisso. Chamou-me de vários nomes e disse que nunca mais Roda Viva entraria em Porto Alegre. Em seguida, deu prazo de até 16 horas para sairmos da cidade. Levamos duas horas pra sair do mato e achar a estrada. Aí descobrimos que estávamos a trinta quilômetros de Porto Alegre...¹⁰

Em Recife, uma ação atribuída à mesma sigla, CCC, teve desfecho mais grave. Em maio de 1969 foi encontrado morto o Padre Antonio Henrique Pereira Neto, colaborador do Arcebispo de Olinda Dom Helder Câmara, e conhecido por sua atuação oposicionista ao regime militar. No primeiro aniversário de morte do estudante Edson Luis, 28 de abril de 1969, padre Henrique, como era conhecido, realizou uma missa em sua homenagem, e passou a receber ameaças de morte. Em 27 de maio seu corpo foi encontrado na Cidade Universitária de Recife, com marcas evidentes de tortura: espancamento, queimaduras de cigarro, cortes pelo corpo, castração e ferimentos de arma de fogo.¹¹

Esses acontecimentos aqui narrados têm a finalidade de apresentar o objeto de estudo desta pesquisa de mestrado, que está em desenvolvimento, qual sejam, as ações da organização “Comando de Caça aos Comunistas”, CCC, localizando-as dentro do contexto histórico em que apareceram, suas especificidades, finalidades e atuação especialmente em três capitais brasileiras: São Paulo, Porto Alegre e Recife. Também é objetivo analisar seus desdobramentos perante a sociedade civil e o governo militar. Esses eventos foram possivelmente os de maior repercussão que a organização promoveu, entre 1963 e 1980, período que se tem informações.

Desde 1963 existia em São Paulo um Comando de Caça aos Comunistas formado essencialmente por jovens ligados a políticos conservadores e a alguns militares. Segundo

¹⁰ DEKES, Flavio. Radiografia do Terrorismo no Brasil (1966/1980). São Paulo: Ícone, 1985. p. 66.

¹¹ Foi aberto inquérito no Tribunal de Justiça de Pernambuco, segundo o qual teria ficado comprovada a participação de membros do CCC daquela cidade na sua morte. O caso de Padre Henrique consta no livro *Direito à Memória e à Verdade: comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, pg. 95.

5

Gaspari, “*davam-se muito mais a tumultos, estorvando ou impedindo conferências de políticos governistas, do que a atentados*”¹², mas que depois da deflagração do golpe passaram a ser mais ostensivos. O incêndio à sede da UNE em 01 de abril de 1964 foi o primeiro fato atribuído ao CCC.

Em 1966 temos o registro de uma bomba que explodira no Aeroporto Guararapes de Pernambuco quando se aguardava a chegada do general Costa e Silva. Ainda hoje não se sabe a autoria desse episódio, que já foi atribuída tanto às organizações de extrema-direita – o CCC de Pernambuco – quanto à esquerda – como a Ação Popular.

Depois disso, só se tem notícias desse grupo novamente em 1968. É neste ano que o grupo põe em prática a maioria de suas ações, e, podemos dizer, foi quando se formou uma identidade do CCC, aquela identidade que acabou se tornando preponderante na bibliografia e mesmo na memória de muitas pessoas que viveram aqueles acontecimentos. Esse tipo de manifestação civil se tornou recorrente durante o regime militar, mas houve uma concentração maior em dois momentos bastante delimitados: um primeiro que vai desde as mobilizações estudantis nos primeiros meses de 1968 até fins de 1970; e um segundo momento que vai de 1976 até 1980.

Este trabalho é uma possibilidade de análise sobre algumas ações ocorridas no Brasil, entre 1968 e 1970 e que foram atribuídas a esta organização. As ações foram da seguinte ordem, conforme levantamento realizado até agora:

1. bomba em banca de jornal, livraria, editora, teatros, centros acadêmicos e embaixadas;
2. pichação de Editora, Universidades, Igreja;
3. invasão e depredação em Teatro, Editora, Universidade;
4. seqüestro e espancamento de atores de teatro;
5. seqüestro, tortura e assassinato de um Padre;
6. morte de um estudante;
7. ameaças de bomba, de morte, de confronto.

O CCC não foi o único grupo que efetuou esse tipo de ação durante a ditadura militar brasileira. Tem-se conhecimento até agora de outras nove siglas de organização não-estatal a quem são atribuídos 41 ações daquela natureza e computadas outras 29 sem atribuição de autoria.

¹² GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.

6

As referências bibliográficas do CCC são bastante escassas. É possível verificar que a investigação é pouco explorada, havendo ainda muitas contradições e mesmo incertezas sobre os episódios, os membros e a ligação da organização com os setores militares. Além disso, a bibliografia sobre o período militar conta com o silêncio dos militares e dos grupos civis apoiadores do golpe. A Lei de Anistia de 1979 atuou como uma espécie de resposta do Estado brasileiro, na medida em que buscou o esquecimento em relação aos crimes políticos cometidos até aquela data. São poucas as obras realizadas pelos setores conservadores, de direita.

Diante da bibliografia e do estágio em que se encontra a literatura histórico-sociológica brasileira a respeito das atividades do CCC, esta pesquisa tem o objetivo de reunir as principais ações do grupo, inseridas nesse tipo de manifestação durante o período de ditadura militar no Brasil, a fim de compreender sua atuação em importante período da história recente do Brasil.

A ‘sigla’ CCC se manifestou em diferentes lugares no Brasil. A análise das principais ações realizadas nas três capitais brasileiras já mencionadas, mostra destacada semelhança entre aquelas praticadas em São Paulo e em Porto Alegre, e diferença em relação à ação de Recife. No centro-sul, o alvo foi o chamado “novo teatro brasileiro”, representado pela peça *Roda Viva*, pelo seu sucesso de crítica, sua proposta ofensiva, provocadora, diferente do teatro tradicional, conservador. Além disso, as ações tiveram grande repercussão na imprensa, envolvendo atores de teatro e de televisão, membros influentes da área cultural brasileira daquele período. Toda a organização para as ações foi feita de forma clandestina, não havendo registro de ameaças. Apesar da gravidade, que incluiu ferimentos e seqüestro de atores, podemos perceber que as ações tiveram um caráter de ataque moral, tanto em relação ao conteúdo da peça, quanto à forma mesmo do ataque já que se tratou de espancamento nas ruas de Porto Alegre, e em São Paulo com os atores nus.

No episódio do nordeste, a ação se revelou de maior gravidade. O alvo foi a Igreja Católica, em seu setor progressista. No inquérito de sua morte do Tribunal de Justiça consta que o padre Henrique vinha recebendo ameaças do CCC por telefone, sendo seqüestrado em 26 de maio de 1969 e seu corpo encontrado no dia seguinte com marcas de violência. Ainda no inquérito, o CCC pernambucano é acusado de atirar no estudante Cândido Pinto de Melo, deixando-o paralítico.

No centro-sul o CCC também foi acusado de ações contra este setor da Igreja, mas as acusações são pichações no convento dos dominicanos em São Paulo. Há também a morte de um estudante resultado do confronto de outubro de 1968 entre os estudantes da USP e da Mackenzie em São Paulo, diferenciando-se, no entanto, da violência ocorrida no nordeste, onde houve um evidente planejamento. Além disso, em novembro de 1968 foi divulgado um manifesto do CCC, publicado na revista *O Cruzeiro*, e assinado “CCC – São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre”, demonstrando haver, pelo menos, contato entre os membros da organização nestas quatro cidades, excluindo-se Recife.

A sigla CCC tomou dimensões que extrapolaram as ações iniciais da organização – e isso se agrava se incluirmos as primeiras ações que não ultrapassaram o ambiente universitário. Num período de seis anos (1963-1969) as ações passaram de “tumultos em comícios políticos” no meio universitário de São Paulo para “morte sob tortura” de um padre da Igreja Católica. Assim, o CCC acabou se tornando uma sigla de impacto que foi utilizada para assumir ações em diferentes cidades do Brasil.

Neste sentido, a partir dessas diferenças, podemos questionar a existência de *uma* organização coesa denominada CCC. Percebemos, ao contrário, certa autonomia em relação às ações atribuídas a este grupo ao mesmo tempo em que ocorria um recrudescimento das atividades repressivas por parte de setores civis da sociedade brasileira, que viam nesta sigla, CCC, uma forma legítima de atuar violentamente contra alguns setores sociais. A sua existência e a impunidade de suas ações talvez tenham sido os elementos que fizeram com que o CCC assumisse atividades do mais variado espectro e em diferentes lugares do Brasil.

O estudo das ações do CCC pode ser encarado como um estudo de caso a partir do qual podem ser analisadas outras ações e grupos semelhantes. A análise desse tipo de atividade pode contribuir para a compreensão de parte da sociedade brasileira dos anos 1960, que não apenas corroborou com a ditadura militar, mas também foi conivente ao aceitar ações de violência extrema, praticadas por um grupo, submetido a uma sigla nacionalmente conhecida. Estas ações estão inseridas num contexto de endurecimento político do regime militar – tendo em vista a edição do Ato Institucional Nº 5. Sua existência bem como sua impunidade nos indica que a sociedade brasileira atuou de forma participativa nesse endurecimento, que, podemos dizer, não foi apenas político, mas social.

Bibliografia

- AARÃO Reis, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. (Orgs). *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- ARNS, Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BAUER, Caroline. *Avenida João Pessoa, 2050 - 3o. andar: terrorismo de Estado e ação de polícia política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982)*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação de mestrado.
- _____. *Terrorismo de Estado e repressão política na ditadura cívico-militar de segurança nacional brasileira (1964-1988)*. Artigo publicado na ANPUH (2005).
- BONASSO, Miguel. Prefácio. In: PIETERSE, Jan (et. al.). *Terrorismo de Estado: el papel internacional de E.E.U.U.* Navarra: Txalaporta, 1990.
- BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. *Direito à Memória e à Verdade: comissão especial sobre mortos e desaparecidos políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.
- CARDOSO, Irene. Para uma crítica do presente. São Paulo: USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34, 2001.
- DEKES, Flavio. *Radiografia do Terrorismo no Brasil (1966/1980)*. São Paulo: Ícone, 1985.
- DREIFFUS, René Armand. *1964 : a conquista do Estado : ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da ditadura militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- FON, Antonio Carlos. *Tortura: a história da repressão política no Brasil*. São Paulo: Global, 1979.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada*. São Paulo, Cia das Letras, 2002.
- GIORDANI, Marco Pollo. *Brasil: sempre*. Porto Alegre: Ed. Tchê, 1986.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1987.
- GUTIERREZ, Claudio Antonio W., *A Guerrilha Brancaleone*. Porto Alegre: Proletra, 1999.
- HOLZMANN, Lorena. PADRÓS, Enrique. *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre, Ed UFRGS, 2003.
- LOPES, Gustavo Esteves. *“Ensaio de Terrorismo”*: História Oral do Comando de Caça aos Comunistas. Dissertação de mestrado. FFLCH-USP. São Paulo. 2007.
- MARTINS, Marisângela Terezinha Antunes. *De volta para o presente : uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947)*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação (Mestrado).
- MONDAINI, Marco. *Terrorismo político: a globalização do medo*. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs) *Faces do fanatismo*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MOTTA, Rodrigo. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- PERRONE, Fernando. *Relatos de guerra: Praga, São Paulo, Paris*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

9

NETTO, Acioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. São Paulo; Sulina, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. *O anticomunismo nas encruzilhadas do autoritarismo e da democracia: a conjuntura 1945-1947*. Revista Méti: história & cultura, v. 5, n. 10, pp. 179-202.2006

_____. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 2003.

_____. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria. RBH. São Paulo, vol. 22, n. 44, pp. 463-488. 2002.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos (org.). *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

STEPHANOU, Alexandre A. *Censura no Regime Militar e Militarização das Armas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

WASSERMAN, Claudia. O golpe de 64: tudo o que se perdeu. In: PADRÓS, Enrique Serra. (Org.). *As ditaduras de Segurança Nacional*. Brasil e Cone Sul. Porto Alegre: CORAG, 2006.

Reportagens

Aluno do Mackenzie depõe na CEI que apura conflito de outubro. Folha da Manhã, 23/11/68.

Bastidores. Documentário de Chico Buarque. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil Ltda., 2005.

Comando de Caça aos Comunistas diz como atacou 'Roda Viva' em 68. Jornal Folha de S. Paulo, 17/07/93, Quarto Caderno, p. 1.

Elenco de Roda Viva apanha de cassetete. Anais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, novembro/68, pp. 45 e 46.

"Roda Viva" proibida pela censura federal. Correio do Povo, 05/10/68, contracapa.

SNI vai apurar a Ação da Extrema Direita. Correio do Povo, 11/10/68, capa.

Terror cultural em São Paulo: o CCC ataca à meia-noite. Revista *O Cruzeiro*, 03/08/68 pp. 23-27.